

VISUAIS

Fiaminghi mostra suas pesquisas de luz e cor

O pintor paulistano, considerado um dos principais nomes da arte concreta, abre sua exposição de pinturas recentes na terça-feira, na Galeria São Paulo

ANTONIO GONÇALVES FILHO

O pintor Hermelindo Fiaminghi costuma dizer que chegou ao concretismo sem nenhuma informação teórica, nenhuma informação sobre seus postulados ou mesmo sobre sua existência. No entanto, foi um dos principais representantes desse movimento e continua ativo, aos 75 anos, pintando o que ele chama de "cor-luz". A junção das duas palavras faz lembrar, inevitavelmente, os impressionistas. As questões levantadas por Cézanne na pintura ainda não estão esgotadas, como prova a exposição de Fiaminghi, a partir do dia 16, às 21 horas, na Galeria São Paulo (Rua Estados Unidos, 1.456, tel. 852-8855).

Mas não se trata de uma releitura extemporânea do impressionismo. As 12 telas da exposição são frutos de uma longa pesquisa que Fiaminghi vem desenvolvendo desde 1958. Na verdade, trata-se de um ambicioso projeto sobre a difusão da cor por incidência da luz. Um dos grandes gráficos que o Brasil conheceu antes do fotolito, Fiaminghi era o "cromista", o "olho" que sabia quantas cores existia por trás daquele azul do cartaz de publicidade ou dos rótulos.

Sensibilizado pelo interesse do amigo, Volpi cedeu uma sala de seu ateliê a Fiaminghi, em 1959, e lhe ensinou a técnica da cristalina emulsão da tempera. Os pigmen-

tos puros, a transparência, levaram à execução artesanal das retículas de cinco obras apresentadas na Bienal de 61 e, hoje, a "cor-luz" de Fiaminghi já virou até objeto de uma tese universitária. Nessas retículas, o pintor somou sua experiência de artes gráficas à pintura, mas não caiu na armadilha de pesquisar uma "cor brasileira".

"Isso não existe, é uma discussão cabotina", observa Fiaminghi. "A cor de Volpi, afinal, é brasileira ou toscana?", pergunta, demonstrando a impertinência da questão. Para ele, o que importa são as vibrações, mutações, expressão e transparência da cor. Seu exercício segue o caminho oposto dos impressionistas, que iam para a luz da natureza. Fiaminghi passava, retém a cor-luz na retina e tenta recriar o que viu entre as quatro paredes de seu ateliê.

Toda a construção da tela serve a um único propósito: a pesquisa cromática, como se o mundo fosse reinventado sem figuras. "As faixas verticais que você vê servem apenas para estabilizar essa construção e as figuras geométricas que surgem do encontro entre as cores são automaticamente desfeitas, porque inexistem a linha, o limite cortante", explica.

Fiaminghi considera essa pesquisa intimamente ligada a seu passado concretista. Não há choque entre a retícula cor-luz e os trabalhos dos anos 50 e 60. "São trabalhos formalmente ligados ao



Fiaminghi em seu ateliê: pesquisa com a cor é um ambicioso projeto que já tem mais de 30 anos

concretismo", diz o pintor, que chegou a escrever uma carta para Waldemar Cordeiro pedindo "demissão" do grupo concreto, por considerar que o movimento havia se tornado bairrista, elitista. Na época, observando o Volpi silencioso e solitário, que pintava como um missionário, resolveu seguir seu exemplo.

"Achava errado quando alguém dizia que o concretismo era frio, racional, porque eu fui um artista concreto e não via minha pintura desse modo", diz Fiaminghi, considera que os pintores jovens têm, hoje, maior liberdade de revisitar a história da pintura, citando como um nome que admira o da carioca Cristina Canale. A exposição de Fiaminghi pode ser vista todos os dias, inclusive sábados e domingos, das 10 às 22 horas. O preço das obras é de R\$ 5 mil.



A tela '9204': sugestão da figura se desfaz no encontro das cores

Mostra revela olhar perverso sobre o corpo

Pinacoteca do Estado expõe trabalhos dos fotógrafos William Ropp, Ajamu e Boaz Tal

ANGÉLICA DE MORAES

A Pinacoteca do Estado inaugura hoje as exposições individuais de três fotógrafos internacionais — dois deles de primeiro nível — dentro da extensa programação do 2º Mês Internacional da Fotografia, promoção NaFoto. William Ropp, Ajamu e Boaz Tal têm em comum o olhar perverso sobre o corpo humano. O francês William Ropp, de 35 anos, é o que oferece o conjunto mais numeroso (39 obras) e de maior sutileza de registro deste olhar. Suas fotos têm o título geral de *A Carne Nua da Emoção*, mesmo nome do livro publicado com esta produção, realizada desde 1993.

Ropp explora tanto distorções de rostos à Francis Bacon até cruéis nus hiper-realistas de anatomias degradadas pela velhice e pela obesidade, na linha de Diane Arbus. Entre um e outro extremo, há belas composições quase abstratas que utilizam enquadramentos intrigantes de rostos, dorsos, pernas e braços — sua produção mais característica.

Ajama, jovem artista de vanguarda, de 32 anos, ligado ao movimento inglês Black Photographers, apresenta 19 fotos em que explora texturas de pele em close e, principalmente, uma temática homossexual que pode chocar o moralismo de alguns segmentos mais tradicionais da cultura britânica. Não impressiona, porém, os herdeiros da swinging London, muito menos o público brasileiro habituado às imagens de permissividade do carnaval no lado de baixo do Equador.

Especializado em nus masculinos e portraits, Ajama obtém bons resultados de composição e iluminação que, nos melhores momentos, o aproxima de Mário Cravo Neto. Sem, é lógico, a densidade simbólica e a sutileza formal do fotógrafo baiano internacionalmente conhecido.

O israelense Boaz Tal apresenta nove fotos em grandes formatos que

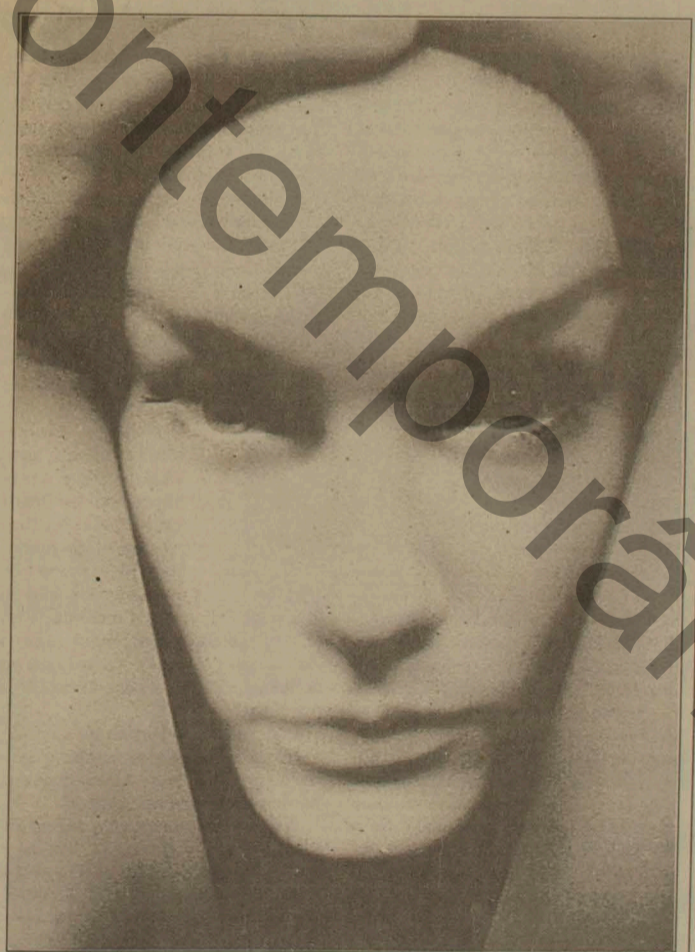


Foto de William Ropp: gradações de luz criam clima poético

retomam e atualizam temas famosos da história da pintura, especialmente cenas características da arte sacra. A estranheza se instala de imediato: os personagens deixam sua dimensão mítica entronizada nos museus para habitar as fisionomias de uma família contemporânea flagrada em um ambiente comum, da mais prosaica classe média. Os modelos são elencados dentro do círculo de amigos de Boaz Tal e, com maior frequência, são sua própria família. Em boa parte das imagens, o fotógrafo é o protagonista das cenas, como em *Pietà*.

Ao roubar a aura de ícones da história da arte, Boaz Tal incorpora a suas fotos a densidade de um percurso estético do qual a fotografia artística é sempre tributária, confessa ou não. Essa apropriação — no melhor estilo pós-moderno — envolve fortes doses de ironia.

O 2º Mês Internacional da Fotografia reserva muitas outras atrações de qualidade. Uma das mais importantes é a coletiva *Histoire de Voir*, que a Fundação Bienal de São Paulo inaugura dia 12 de junho. Trata-se de um panorama de 119 imagens de 101 artistas. Abrange um século e meio de história da fotografia. Entre esses flagrantes antológicos está uma cena de rua do fotomontador Robert Capa, um dos fundadores da Agência Magnum.

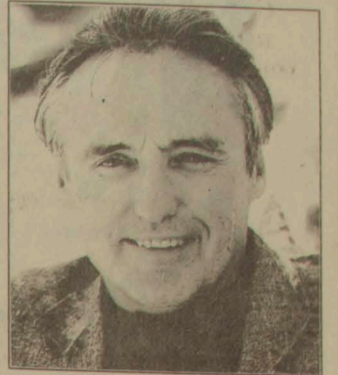


Da série 'A Carne Nua da Emoção', de William Ropp: sutilezas



Foto de Robert Capa: grande atração da série de mostras

BREVES



Hopper e Spike Lee chegarão em junho

Dennis Hopper (foto) e Spike Lee, os principais convidados do evento A Construção do Futuro, já confirmaram presença. Os dois chegaram ao Rio no começo de junho para prestigiar um encontro que, no centenário do cinema, pretende discutir a alta tecnologia aplicada às imagens e o multiculturalismo. Construção do Futuro, que será sediado no Centro Cultural Banco do Brasil, compreende a exibição de 40 filmes (seis inéditos) e mesas-redondas com pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Lee e Hopper não têm nenhuma pauta específica para debates ou conferência. Participarão do encontro de maneira informal.

Laser disc traz fotos inéditas de Marilyn

Acaba de ser lançado em laser disc o documentário *Marilyn Monroe: Life After Death*. Sua principal novidade é trazer uma série de fotografias inéditas da atriz, retocadas digitalmente, que pertencem à coleção de Milton H. Greene — um dos amigos íntimos de Marilyn. O filme foi produzido por Anthony Greene, filho de Milton. Outra surpresa é uma longa seqüência de um programa meio esquecido de 1955, *Person to Person*, de Edward Murrow. O programa deveria ser sobre Greene e sua mulher, mas Marilyn, que visitava a casa dos amigos, aparece em seqüências descontraídas.

Temporada de leilões de arte bate recordes

A venda de um quadro de Picasso por US\$ 29,1 milhões na segunda-feira foi só o primeiro lance em uma temporada promissora de leilões. Na quarta-feira a casa Christie's, de Nova York, vendeu a coleção Ralph e Georgia Colin e arrecadou um total de US\$ 38,2 milhões. A obra que atingiu a mais alta cotação foi *Nu com Colar*, de Amedeo Modigliani, que um anônimo arrematou por US\$ 12,5 milhões. Quinta, um Van Gogh foi comprado por US\$ 13,2 milhões. Segundo leiloeiros e negociantes, cerca de US\$ 190 milhões deverão ter sido negociados esta semana em Nova York. O dobro de 1994, no mesmo período.

Filme espanhol agita críticos em Cannes

A poucos dias do início do Festival de Cannes, começam a surgir os títulos destinados a provocar polêmica. Nenhum provoca tanta discussão como o espanhol *Los Hijos del Viento*, selecionado para a Semana da Crítica. O filme mostra o encontro de um homem, o diretor Fernando Marín, com uma mulher nas Ilhas Canárias. Vivem um romance tórrido. Ela é a cubana Magaly Santana, que cria uma personagem envolvida com tudo o que é politicamente incorreto. Os excessos estão desconcertando os críticos, que consideram o filme e seu diretor "uma revelação" das mais fortes nos últimos anos.

Namorado de Sonia Braga toca no Rio

O guitarrista americano Mark Lambert, namorado da atriz Sônia Braga, inicia neste final de semana uma série de apresentações que pretende fazer no Brasil. Lambert estreou anteontem no bar Mistura Fina, no Rio de Janeiro, tocando para platéia de convidados ilustres como Milton Nascimento, Wagner Tiso e Renata Sorrah. No Brasil desde domingo acompanhando Sonia, Lambert quer mostrar seu *fusion* em outras casas noturnas. Aliás, foi graças à paixão que nutre pela música brasileira que ele conheceu a atriz em Nova York, durante um show de Toninho Horta e Dori Caymmi.